

Estertor dos Critérios

Rumo ao Sul

A certo ponto, a academia é desleal. A rua é outra coisa, é como jogar aos berlindes, dás e tirar sem qualquer pejo moral. Mas moral é o que falta em certas universidades, talvez em todas as universidades, todos procuram satisfazer o seu egoísmo de doutores, sem sequer ter posto um pé no Júlio de Matos, onde quer queiras quer não, está o centro do poder. Não em São Bento, no Júlio...

Metes-te no vício, pensas que vais ganhar no momento, não sabes porquê nem para quê, que vais ganhar mais adiante, porque Hollywood tem finais felizes, és assim a nuvem que paira sobre ti, és o Teu Deus, és tu mesmo em deriva, porque te cansaste de estar metido e embrulhado em ti-mesmo...

Estás, assim, entre a espera e o desespero, ou seja, entre o ir e o ficar e nessa fissão ante o real, entre ti mesmo enquanto sujeito filosófico e o Outro enquanto replicação da tua subjectividade, vais andando, descendo a Avenida da Liberdade além do Marquês de Pombal, num passeio estilístico de devires...

Bebes um pouco mais cerveja do que a conta, aquilo que és é, por momentos, o que não és, eis os papéis sociais do sujeito, entre liminalidade e escândalo do que acontece não acontecendo...Muita da filosofia desconstrói, com Derrida à cabeça, sem esquecer Wittgenstein. Mas eu prefiro construir, seja uma obra de arte literária, seja uma escultura que por acaso não sou eu mas o meu primo do Canadá.

O tempo passa. Umaz vezes devagar, outras mais depressa. Nem todos podemos ser isto e aquilo, tudólogo não faz sentido porque perde o sentido da missão, do encorajamento face aos outros, dos outros que são como eu qualquer coisa de bem díspar à casca da noz.

É neste sul que está o sentimento, a vida está programada e eis por isso o êxito moderno da religião, muçulmana, evangélica, enquanto a católica continua construindo pontes de diálogo dos interstícios da mente atribulada.

No fundo dos tempos, só sabe ganhar aquele que sabe perder. Nunca ninguém ganhou tudo em todo o tempo da sua vida, seja Presley, Mohamed Ali (Cassius Clay) seja Saramago e aí mesmo talvez resida o êxito de um Saramago, que se foi guardando, para ir explodindo ao longo de mais de dez anos de intensa vida literária e intelectual... Muitos heróis rumam ao sul como turistas e apreciam este país quase desditoso para os seus naturais mas que sabe sempre dar a volta, pois é um país emocional, onde a relação com o outro ainda é tida como significativa no âmbito da vida social moral das relações...

Assim, passas a cabeça pelos pendrugalhos chineses e reparas num mundo arbitrário à casca da noz, enquanto o chineses são mais cuidadosos com o dinheiro, não querendo gorjetas, os hindus e bangladeshianos estão mais próximo de nós, “olha, pagar no outro dia”. Portugal fica então como um exemplo de convivialidade entre as raças, por mais que muitos e muita comunicação social queira dizer o contrário, só por causa do furo, leva lá a bicicleta...

Há tempos que não vou ao Martim Moniz, comprei lá uma mala em tempos que acabou por se desfazer nos dias, até desaparecer, a minha irmã ainda andou com elas, mas eu nunca mais a vi. Também aos ciganos comprei perfume, um deles ofereceu-me uns calções com que ainda ando e dois leitores de vídeos, ah!, isso foi o Jaime, por isso fazem troça nos programas de humor, deixa lá, podia ser pior, ao mesmo és inspiração para alguns...é o teu apostolado, como diz o outro...

Se o ideal te custa a vida, não penses no ideal, pensa na vida, há muita coisa que podes fazer nesta superfície de eventos, de movimentos, de fenomenologias as mais diversas. És tu mesmo enquanto outro e isso distrai-te de seres tu mesmo excessivamente, de modo doentio, obsessivamente é a palavra, porque a felicidade é algo que se constrói, não que se destrói, ainda por cima obras dos outros...

Victor Mota